

Papas criaram e os políticos incorporaram

“Favoritismo, patronato”. Assim o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda define nepotismo, vocábulo inspirado na grande influência que os sobrinhos e outros parentes do papa, os nepotes, exerciam na administração eclesiástica. Agora, deputados e senadores brasileiros curvam-se não apenas à influência de seus sobrinhos, como de suas mulheres, irmãos, primos e toda ordem de parentes que insistem em lotar em seus gabinetes enquanto reinventam o conceito de nepotismo. Na linguagem dos políticos, nepotismo deixa de ser o simples ato de privilegiar familiares com cargos públicos e ganha dimensões bem mais complexas, que envolvem intimidade, assiduidade, eficiência, e até mesmo segurança pessoal para justificar o favoritismo.

“Nepotismo é empregar alguém para não fazer nada”, repetem em coro funcionários como Teresinha Meira Miura, filha do sena-

dor Meira Filho (PFL-DF) e Miguel Carneiro, sobrinho do senador Nelson Carneiro (PMDB-RJ). “Não há nada de imoral em contratar um parente competente que preencha todos os pré-requisitos para nos auxiliar”, complementa o senador Garibaldi Alves Filho (PMDB-RN), que empregou o irmão Paulo Roberto. Participa desse novo conceito o próprio presidente do Congresso, senador Mauro Benevides (PMDB-CE), que em fevereiro passado mandou o diretor de pessoal do Senado demitir 121 assessores parlamentares lotados em gabinetes de senadores que não se reelegeram. “Nepotismo é efetivar funcionários de confiança”, justifica.

Para o deputado Pedro Valadares (PFL-SE), que mantém no gabinete a mulher Simone, empregar parente que cumpre horário descharacteriza o nepotismo. Depois de ter sido roubada duas vezes por funcionários, a deputada Raquel Cândido (PDT-RO) decidiu empregar o marido Francisco. “Não é nepotismo, mas segurança. Marido não rouba”, argumenta. Mesmo sem favorecer nenhum parente, o deputado Décio Knop (PDT-SC) acha que empregar até dois parentes não é nepotismo. “Mais que isso é abusivo”, define.

AS RESPOSTAS DE SEMPRE

“Meu filho é competente e merece o emprego”

“Ainda bem que eu tenho sorte de ter alguém competente na família”, comemora o deputado Vasco Furllan (PDS-SC), que entregou a chefia de seu gabinete ao filho Fernando. “Nepotismo para mim não foi

opcão, mas necessidade de um novato que não podia contratar desconhecido”, sentencia. Pós-graduado em assessoria parlamentar, Fernando resume: “Trabalho duro para receber meu salário”.

“Meu caso foi diferente e não sei se sou nepotista”

O senador Carlos de Carli (PTB-AM) se define como autor de um caso de nepotismo às avessas, envolvendo sua mulher Carla, que efetivamente trabalha em seu gabinete. É que não se trata de contratação.

“Meu caso é diferente pois eu estava divorciado e me apaixonei pela secretária”, conta o senador de Carli. “Foi um caso de amor louco, e aí eu não sei se o nepotismo foi meu ou dela”.